

CONCVRSVS VERBORVM

*António Rodrigues de Almeida**

O objecto desta nossa comunicação é a **ligação das palavras** no discurso. Esta questão encontra-se exposta no *Traité de stylistique appliquée au latin* de Marouzeau, que lhe dedica várias páginas, e se baseia na doutrina dos autores latinos, que acompanha de numerosos exemplos.

Por nos parecer que o carácter relativamente preciso da doutrina não corresponde com frequência ao que se verifica na prática dos textos, resolvemos passar além da exemplificação que confirma a doutrina e determinar qual a realidade global dos textos no que respeita à ligação das palavras.

Vamos, por isso, referir-nos, em primeiro lugar, à doutrina que encontramos exposta em autores latinos dos séculos I a.C. e I d.C., em segundo lugar aos recursos e às limitações do próprio sistema da língua e em terceiro lugar à realidade verificada nos textos, para o que seleccionámos três obras que totalizam cerca de 30.000 sequências.

I. Doutrina dos autores latinos

Na ligação das palavras devem ser evitados dois tipos de sequências, que são considerados *uitia* (Quint. 9.32):

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- a) a sequência de consoantes
- b) a sequência de vogais

sendo o primeiro tipo caracterizado como um *concurus asper* e o segundo como um *concurus uastus* e *hiulcus*, que dá origem a uma *oratio aspera, dura, dissoluta*, no primeiro caso, e de uma *oratio hians*, no segundo (Quint. 8.62).

A estes dois *uitia* opõem-se *uirtutes* (Quint. 9.32), aludidas sob a forma de *concurus coagmentatus, leuis, cohaerens, aequabiliter fluens* (Cic., *De or.* 171-172), que estão na origem de uma *oratio coagmentata*. A imagem subjacente é a de uma construção de palavras vista através da construção em sentido próprio: as palavras são, na construção das palavras, como os blocos de pedra na construção de um edifício; ora, uma vez que as palavras são blocos não polidos e não aparelhados, isso obriga a uma operação cuidadosa de encaixe e colagem. Isto quer dizer que, de facto, o material que a língua oferecia ao seu utilizador era globalmente inadequado às exigências de harmonia e equilíbrio que os teóricos pretendiam para os seus textos.

* *
*

Tipos de *concurus* e suas diferentes espécies (Quint. 9.33-37):

1. sequências boas
 - 1.1. -V C- sequência de vogal + consoante; ex.: *uirumque cano*
 - 1.2. -C V- sequência de consoante + vogal; ex.: *ab oris*
2. sequências defeituosas
 - 2.1. -V V- sequências de vogais (*uocalium concurus*: Id. 9.33)

Como efeito das sequências de vogais o discurso fica cheio de brechas, de paragens e avança com dificuldade (*cum accidit, hiat et intersistit et quasi laborat oratio*).

O defeito das sequências de vogais é, no entanto, variável,

- 2.1.1. sendo a pior destas sequências a sequência de vogais longas idênticas;
- 2.1.2. considerando a qualidade das vogais, a pior dentre as piores sequências é aquela em que as vogais são cheias e abertas (i.e., vogais que são pronunciadas com a boca *caua* e *patula*);

2.1.3. considerando a quantidade das vogais, constituem vícios relativamente menores (Ib., 34)

— a sequência longa + breve

— a sequência breve + longa

2.1.4. constituindo o vício menos ofensivo (Ib., 34)

— a sequência breve + breve

Em geral, podemos enunciar a seguinte regra: quanto maior é a diferença do grau de abertura entre as duas vogais em sequência, tanto menor é a gravidade do defeito que delas resulta (Ib., 34).

2.2. -C C- sequências de consoantes

Tal como nas sequências de vogais, também as sequências de consoantes apresentam uma escala gradual de defeito. Assim,

2.2.1. há consoantes cuja sequência é mais *aspera* do que outras:

ex. de mais *aspera*: -s x-

2.2.2. a *asperitas* da sequência -s + C- terá levado Sêrvio Sulpício a eliminar a letra -s quando a palavra seguinte começava por uma consoante;

2.2.3. em relação a certas letras, a sequência -C C- constitui um defeito relativamente menor quando as duas consoantes são semelhantes (Quint. 9.34)

ex.: *et terris* (Virg.)

2.2.4. constituem defeitos graves as sequências de consoantes duras, como -t c-

ex.: *pellexit et collegit* (Quint. 11.34)

2.2.5. constituem defeitos muito graves as sequências de grupos de consoantes: -CC CC-

ex.: *ars studiorum* (Quint. 9.37)

Atitude dos autores perante as sequências defeituosas.

Em primeiro lugar, os autores têm em conta a realidade observada:

1. é muito frequente a sequência -V V-

vocales frequentissime coeunt (Quint. 11.34)

2. sequências em função dos gêneros de textos:
há variações de gênero para gênero, relativamente ao uso das sequências: assim, no que se refere à prosa, o uso coloquial e o epistolar apresentam uma *oratio* (um discurso) reconhecidamente *soluta* (livre), em oposição à da oratória, da filosofia e da história, marcadamente *vincta atque contexta* (ligada e entrelaçada); isto não quer dizer que o uso coloquial e epistolar sejam um contínuo de -V V- [e de -C C-], mas apenas que não se preocupam com a sua ausência ou com a sua presença.

A observação dos factos e a verificação do grande número de desvios, relativamente à teoria formulada, levam a assumir uma atitude transigente:

1. não se deve temer como um delito grave (Quint. 9.35);
2. deve evitar-se o seu uso excessivo (Quint. 9.20; *Rhet. Her.* 4.18);
 - 2.1. se não é possível evitá-lo, sem violentar a língua, não se evite;
 - 2.2. não se procure usar para além do que é necessário;
3. mais vale uma certa despreocupação em relação ao seu uso do que uma preocupação excessiva (Quint. 9.35), uma vez que esta pode levar ao esvaziamento do conteúdo e ao artificialismo formal.

Nestas circunstâncias, o utente da língua, embora sem pretender uma aplicação sistemática da teoria, deve procurar evitar o maior número possível de sequências defeituosas, o que será conseguido,

1. aprendendo as regras relativas ao seu funcionamento e uso (Quint. 9.19);
2. usando as formas alternativas que a língua oferece;
3. alterando a ordem das palavras (Quint. 8.62-64).

II. A língua e o *concursum uerborum*.

A língua latina não favorecia o uso das boas sequências, e muito menos o seu predomínio. De facto, o número de consoantes possível em posição inicial e em posição final era muito maior do que o de vogais: considerando a posição inicial e utilizando como base o dicionário de Forcellini, verificamos que o número de consoantes representa bastante mais do dobro das vogais (65.955 consoantes, 24.986 vogais).

A língua latina permitia, no entanto, em alguns casos, evitar certas sequências defeituosas,

1. mediante formas alternativas, como verificamos

a) em palavras gramaticais:

a / ab / abs

e / ex

ac / atque

nec / neque

b) em formas da flexão verbal:

laudaris / laudare, etc.

laudauerunt / laudauere

laudari / laudariet

c) em formas lexicais, nomeadamente em formas com ou sem prefixo e formas semanticamente idênticas mas com início ou final diferentes:

amnis, flumen

2. mediante o enfraquecimento do final da palavra, que permitia suprimir ou reduzir a *asperitas* e a *hiulcitas* nos C.V., conduzindo a

2.1. assimilações (cf. Marouzeau, 34);

2.2. sinalefas (nas sequências -m V-);

2.3. elisão (cf. Marouzeau, 35);

2.4. contracção / fusão [*sis = si uis*] (cf. Marouzeau, 35).

III. A realidade que encontramos nos textos.

Analisámos dois blocos de textos, de extensão aproximada, um em poesia (*Geórgicas* de Virgílio) e outro em prosa (discursos de Cícero em favor do poeta Árquias e contra Catilina). Examinámos as sequências ocorrentes nos textos e procurámos verificar a preferência dada às sequências aconselhadas e a fuga às desaconselhadas.

Notamos, para começar, que o uso generalizado da sequência -V C- ou -C V-, que implicaria um número igual de consoantes e de vogais em posição inicial e final é à partida impossibilitado, uma vez que em tais posições as consoantes somam quase o dobro das vogais. Por outro lado, o comportamento dos dois blocos é, embora com oscilações de pormenor, sensivelmente idêntico.

1. Iniciais e finais

A situação é idêntica nos dois blocos. Em posição inicial, as consoantes ocorrem com uma frequência dupla da das vogais: em posição final, as consoantes são igualmente mais frequentes que as vogais.

Iniciais	Virg	Cic.	Total
vogais	4337	4818	9155
consoantes	9839	10852	20691
Total	14176	15670	29846

Finais			
vogais	5720	5881	11601
consoantes	8456	9789	18245
Total	14176	15670	29846

2. Sequências de -V C- e -C V-

Estes dois tipos de boa sequência constituem um pouco menos de metade das ocorrências; além disso, ocorrem mais nas *Geórgicas* do que nos discursos. Verifica-se uma preferência pela sequência -V C-, mais acentuada nas *Geórgicas*.

	Virg.	Cic.	Total
-V C-	4088	3677	7765
-C V-	2794	2818	5612
Total	6882	6495	13377

3. Sequências de vogal igual

Este tipo de sequência defeituosa é relativamente raro e é mais frequente nos discursos.

	Virg.	Cic.
-a a-	40	42
-e e-	119	173
-i i-	22	84
-o o-	7	15
-u u-	0	5
Total	188	319

4. Sequências de -V V-

Este tipo de sequência defeituosa é relativamente frequente, mais nos discursos do que nas *Geórgicas*.

	Virg.	Cic.	Total
-V V-	859	1396	2255

5. Sequências de consoante igual

Este tipo de sequência defeituosa é relativamente raro e é mais frequente nas *Geórgicas*.

	Virg.	Cic.
-c c-	17	18
-d d-	8	15
-m m-	180	154
-n n-	6	17
-r r-	7	5
-s s-	167	141
-t t-	83	48
Total	468	398

6. Sequências de consoantes duras

Este tipo de sequência muito defeituosa é relativamente frequente, mais nas *Geórgicas* que nos discursos.

	Virg.	Cic.
-c s-	23	36
-c t-	25	31
-c p-	26	26
-s c-	163	220
-s p-	140	137
-s t-	73	84
-t c-	133	96
-t p-	118	79
-t s-	162	69
Total	863	778

7. Sequências de consoante igual ou diferente

Este tipo de sequência defeituosa constitui cerca de metade das ocorrências.

A análise dos dois blocos mostra-nos que, mesmo em textos muito elaborados e em que as regras do *concursum uerborum* eram tidas em grande conta, as limitações próprias do sistema constituíam um impedimento sério à sua aplicação, pois não permitiam mais do que cerca de 50% de sequências consideradas teoricamente boas.

Referências

- Rhetorica ad Herennium*, ed. G. Achard, Paris, Les Belles Lettres.
 CICERO, *De oratore*, ed. e com. de A. S. Wilkins, The Clarendon Press.
 CICERO, *Orator*, ed. e com. de J. E. Sandys, Cambridge University Press.
 CICERO, *Orationes*, ed. A. C. Clark, OCT, Oxford University Press.

VIRGÍLIO, *Opera*, ed. R. A. B. Mynors, OCT, Oxford University Press.

QUINTILIANO, *Institutionis oratoriae libri XII*, ed. M. Winterbottom, Oxford University Press.

J. MAROUZEAU, *Traité de stylistique appliquée au latin*, Paris, Les Belles Lettres.

Programas utilizados na determinação das frequências

Longman Mini-Concordancer, Longman Group UK Ltd, 1989

MicroConcord, Oxford University Press, 1993